

Reconciliando Laboratórios, Centros e Iniciativas de Escrita no Brasil: Caminhos para a educação em Letramento Acadêmico no Brasil. Entrevista com a Profa. Dra. Marilia Mendes Ferreira, do Laboratório de Letramento Acadêmico (LLAC), Universidade de São Paulo (USP)

Dr. Marilia Mendes Ferreira, Universidade de São Paulo

Thais Rodrigues Cons, Universidade do Arizona em Tucson, EUA

Andamiajes, 5.2 / *SKRIB* 2.1

Resumo

Esta entrevista apresenta um diálogo com a Profa. Dra. Marilia Mendes Ferreira (USP), cuja trajetória à frente do Laboratório de Letramento Acadêmico (LLAC) tem sido fundamental para a consolidação do campo de letramento acadêmico no Brasil. A partir de sua perspectiva dialética inspirada em Vygotsky, Dr. Ferreira compartilha reflexões sobre sua formação, a criação do LLAC, e os desafios de institucionalizar o ensino da escrita em contextos brasileiros marcados por demandas de internacionalização e desigualdades estruturais. A entrevista também discute a relação entre laboratórios e centros de escrita no Brasil, suas intersecções com os estudos decoloniais e os impactos recentes da inteligência artificial generativa no ensino de escrita. A conversa oferece insights relevantes para a construção de redes latino-americanas de apoio à escrita, reforçando o papel das iniciativas locais frente a desafios globais.

Palavras-chave: letramento acadêmico no Brasil, laboratórios de escrita, centros de escrita, ensino de escrita

Reconciliando Laboratórios, Centros e Iniciativas de Escrita no Brasil: Caminhos para a educação em Letramento Acadêmico no Brasil

Minha trajetória no estudo de letramento acadêmico e no trabalho com centros de escrita começou em 2018, durante o meu mestrado na UFPR, em que pesquisei o CAPA (Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica). O CAPA, fundado em 2016, foi um dos primeiros writing centers do Brasil a se denominar assim, e foi lá que iniciei uma revisão de literatura que ampliou meu olhar sobre iniciativas de suporte à escrita no país (Cons, 2020). Descobri, nesse processo, laboratórios pioneiros como o LABLER (UFSM) e o LLAC (USP), que já vinham estabelecendo práticas inovadoras.

Foi aí que conheci o trabalho da professora Dra. Marília Ferreira no LLAC (USP) e me inspirei em sua abordagem sobre letramento acadêmico no Brasil. A fundação e consolidação do LLAC, assim como as contribuições da professora Marília, continuam a informar meu trabalho como pesquisadora e professora de escrita. O LLAC não apenas ajudou a institucionalizar práticas de escrita no Brasil, mas também demonstrou um compromisso com a integração de pesquisa e extensão, democratizando, com seu canal no Youtube e seus workshops gratuitos, o letramento acadêmico para a comunidade brasileira de modo mais amplo.

O campo do letramento acadêmico no Brasil tem sido fundamentado por abordagens como a teoria de gêneros de Swales (1990; Askehave & Swales, 2001), a pedagogia crítica de Freire (1970/2007) e estudos sobre multilinguismo e práticas sociais em comunidades discursivas, como apontado por Brian Street (1984). No Brasil, autores como Ferreira e Lousada (2016) destacam o papel dos laboratórios como espaços híbridos que integram ensino, pesquisa e extensão. Além disso, estudos recentes (Cristovão et al., 2020; Martinez, 2024) têm explorado a relevância de iniciativas locais para enfrentar desafios globais, como a internacionalização e as desigualdades estruturais nas práticas de escrita.

Esta entrevista com a Dra. Mendes Ferreira representa para mim não apenas uma oportunidade de aprendizado, mas também um reconhecimento das contribuições de quem influenciou o meu percurso como educadora e pesquisadora. Espero que este diálogo contribua para enriquecer o debate sobre letramento acadêmico no Brasil e na América Latina, conectando nossas práticas locais a discussões e desafios mais amplos.

Entrevista

T: Professora, muito obrigada por sua disponibilidade para esta entrevista. Gostaria de saber mais sobre a sua formação em Linguística Aplicada e como sua experiência te levou a se interessar por letramento acadêmico e, eventualmente, estar à frente do LLAC.

M: Quando comecei o mestrado, ainda não tinha um interesse muito claro, mas sabia que queria trabalhar com linguística aplicada. Durante minha formação na Unicamp, fui apresentada às ideias de Vygotsky, que influenciaram meu trabalho. Já no doutorado, fui para os Estados Unidos (Penn State University) com o objetivo de continuar estudando Vygotsky. Lá, comecei a trabalhar como Teaching Assistant (TA) em disciplinas de escrita para falantes de inglês como segunda língua. Isso foi uma grande mudança para mim, porque a escrita acadêmica não foi o foco inicial dos meus estudos na universidade americana. A convivência com diferentes culturas e a observação das práticas de ensino da escrita acadêmica foram transformadoras.

Quando cheguei à USP, assumi disciplinas de escrita que tinham ementas tradicionais, e reformulei seus programas de ensino para se basearem em gêneros textuais e incluir a perspectiva processual, alinhando o ensino às necessidades dos alunos. A fundação do LLAC foi uma extensão natural desse processo. Sou, primeiramente, uma professora de escrita, algo essencial à minha identidade. Também me vejo como professora de inglês.

T: Sua trajetória acadêmica abrange diversos contextos com tradições distintas em letramento acadêmico e ensino de escrita. Como essas experiências moldaram sua compreensão sobre letramento acadêmico?

M: Minha formação e prática pedagógica foram marcadas pela perspectiva vygotskiana, partindo da oralidade e avançando para escrita e leitura. Durante o doutorado, comecei a sistematizar minha visão sobre letramento acadêmico, consolidada na minha tese de livre-docência (Ferreira, 2015). Minha base teórica combina teorias como a socioretórica de John Swales, a linguística de corpus, a pedagógica dialética de V. V. Davydov, e a abordagem processual de ensino da escrita.

No meu livro de 2018, uso "letramento" no singular e não "letramentos" no plural, com base justamente na perspectiva vygotskiana e pela ideia de superar dicotomias, porque meu foco sempre esteve em compreender a) o abstrato, o elemento comum que explica vários fenômenos, e b) os processos internos e externos que sustentam as práticas de escrita acadêmica. Reconheço a relevância de "letramentos", como nas abordagens de Brian Street (1984), que destacam práticas sociais em diferentes comunidades discursivas. No entanto, prefiro "letramento" no singular por trabalhar com conceitos dialéticos, focando no componente abstrato das práticas, sem perder a perspectiva crítica. Essa escolha não foi para rejeitar o plural; pelo contrário, eu reconheço o valor de se destacar as múltiplas manifestações do letramento em diferentes contextos. Contudo, minha perspectiva é dialética, ou seja, busco o elemento abstrato comum dessas práticas empíricas. Isso fica mais claro nas minhas publicações de 2012, 2015, e 2024. Por que, numa perspectiva vygotskiana, o foco é a dialética — essa convivência dos contrários (o abstrato e o

empírico). Se eu foco somente nos letramentos acadêmicos, estou somente focando no empírico, e essa não é a intenção de uma abordagem baseada em Vygotsky.

T: O que, do contexto linguístico, educacional e institucional, é particular ao Brasil e levou à criação de laboratórios de escrita como o LLAC? Como esses fatores se alinham ou contrastam com as tradições vistas em outros contextos, como América Latina e nos EUA?

M: A criação do LLAC foi motivada por demandas crescentes no Brasil e na USP, especialmente ligadas à internacionalização, como publicação acadêmica em inglês, mobilidade, e participação em redes de pesquisa internacionais. Essas demandas existem desde 2011 e se intensificaram com o tempo. No entanto, há um descompasso entre essas demandas e os recursos disponíveis.

Nos últimos anos, surgiram mais livros e publicações na área de gêneros textuais e escrita acadêmica no Brasil, mas ainda estamos longe de conseguir apoiar os alunos. Nossos cursos de escrita acadêmica são escassos e pontuais e, quando existem, muitas vezes não são obrigatórios ou não oferecem créditos. Isso faz com que a responsabilidade pelo letramento acadêmico recaia no orientador ou no próprio aluno, que precisa aprender por tentativa e erro.

O LLAC surgiu dessa necessidade, observada tanto na graduação quanto na pós-graduação, e também da minha experiência nos EUA, onde pude frequentar writing centers e perceber o impacto positivo que eles têm. Esses centros oferecem um apoio estruturado e contínuo. Aqui, mesmo com esforços individuais e iniciativas isoladas, ainda enfrentamos dificuldade para institucionalizar esse tipo de suporte. Minha missão sempre foi mostrar aos alunos que escrita acadêmica é algo que todos nós precisamos desenvolver, independentemente da língua ou do contexto.

T: De acordo com a literatura sobre letramento acadêmico (Cristovão et al., 2020), o LLAC foi um dos pioneiros em suporte de escrita no Brasil após Santa Maria e Ponta Grossa. Como você percebe a expansão das iniciativas de suporte à escrita no Brasil desde então?

M: A expansão é positiva, mas ainda limitada. Pelo levantamento que eu tinha, chegávamos a cerca de 14 iniciativas oficialmente publicadas no Brasil, mas já ouvi que podem chegar a 20. Apesar desse crescimento, o número ainda é insuficiente diante das necessidades.

Nos Estados Unidos e até mesmo em outros países da América Latina, mesmo com seus desafios, os writing centers têm uma estrutura mais robusta e apoio mais consistente. Aqui, a oferta de suporte depende muito de esforços individuais, e faltam recursos financeiros, espaço físico e continuidade garantida. Muitas iniciativas são projetos de extensão criados para preencher lacunas onde deveria estar a instituição.

Além disso, falta uma pesquisa sistematizada para entendermos realmente como está o ensino da escrita e o apoio em diferentes contextos no Brasil, como nos cursos de Letras e nos centros de línguas. Já houve tentativas de levantamentos, como o de Aranha e Oliveira (2019), mas são poucos e limitados. Eu mesma tentei conduzir um levantamento, mas ele não foi para frente devido às dificuldades no processo de coleta de dados.

T: Considerando sua publicação de 2016, em que você destaca o diferencial do LLAC em conciliar pesquisa e extensão e oferecer serviços à comunidade, como essas iniciativas se conectam ou se diferenciam dos writing centers norte-americanos e europeus? Para audiências internacionais, como você explicaria a relação entre laboratórios e centros no Brasil?

M: No caso do LLAC, o termo "laboratório" foi estratégico na USP para ganhar legitimidade administrativa. Essa ideia de "laboratório" também remete a um grupo de pessoas focadas em um objeto comum – no nosso caso, o letramento acadêmico, e tem uma função híbrida: fazemos pesquisa e produzimos materiais enquanto oferecemos serviços que podem ser associados aos writing centers, como tutorias e workshops. É um reflexo da necessidade de conciliar pesquisa, extensão e serviços. Eu diria que, no Brasil, mesmo com nomes diferentes – laboratório, centro de escrita ou ateliê – muitas iniciativas compartilham filosofias similares, e encaram o mesmo desafio: a institucionalização.

T: Isso me leva a perguntar sobre a tensão entre ser um suporte linguístico e para publicações de pesquisas internacionais em língua estrangeira, versus o papel dos laboratórios na educação linguística. Nesse contexto, como laboratórios e centros de escrita no Brasil podem se alinhar aos estudos decoloniais para enfrentar o legado do colonialismo nas práticas de letramento acadêmico?

M: Eu acho que é possível alinhar o trabalho dos laboratórios e centros de escrita no Brasil aos estudos decoloniais, mas isso depende de escolhas conscientes e de como essas ações são direcionadas. No contexto do letramento acadêmico, há espaço para um trabalho crítico, como desenvolvi em meus projetos de pesquisa (Ferreira, 2021), antes mesmo de abordar explicitamente a decolonialidade.

A decolonialidade é uma teoria que pode apresentar contradições, como qualquer outra. Por exemplo, Vygotsky ganhou destaque global após ser legitimado pelo Norte por meio de traduções para o inglês. Devemos ter cuidado para que, com a decolonialidade, não reforcemos ainda mais uma dicotomia (saberes do Norte x saberes do Sul, saberes do colonizador x saberes de quem já foi colonizado), que pode não ajudar a resolver os problemas e causar mais divisões. No LLAC, focamos em atender às necessidades práticas dos alunos e capacitá-los para entender estruturas institucionais, como o funcionamento da

CAPES¹ e suas exigências sobre os pós graduandos, e, assim oferecer condições para que os alunos protagonizem suas próprias trajetórias. Para mim, o importante é agir de forma teórica e informada, sem ser simplesmente reativo, mas também sem perder de vista o objetivo principal: transformar as práticas dentro do que é possível no nosso contexto, visando que nossos alunos tenham condições de mudanças mais profundas (conscientes) no futuro.

T: Qual sua opinião sobre a influência das tecnologias emergentes, como a Inteligência Artificial (IA) Generativa, no futuro do letramento acadêmico e dos centros de escrita?

M: A inteligência artificial generativa, como o ChatGPT, trouxe uma mudança muito grande e rápida para os desafios que enfrentamos. Não só na escrita nas universidades, mas no âmbito da publicação. Eu já lidava com questões como plágio, mas, perto das novas tecnologias, isso parece até banal. A questão agora envolve empresas, impulsionadores de índices H, e algoritmos que influenciam todo o ecossistema de publicação.

Antes de novembro de 2022, eu diria que o maior desafio dos centros era lutar pela institucionalização, sensibilizar a administração para a necessidade de recursos e mostrar a relevância do trabalho com letramento acadêmico. Mas hoje, com a popularização da IA, o desafio mudou completamente. Agora, temos que lutar para mostrar que aprender a escrever ainda vale a pena—que a escrita continua relevante e que não deve ser terceirizada para essas tecnologias.

Afinal, a escrita é mais do que um produto; é uma forma de cognição, uma mediação para o pensamento, um meio poderoso de transformação no mundo. Com a IA, corremos o risco de perder essa relação transformadora. Nesse contexto, vale a pena hoje criar um laboratório de escrita? Eu quero acreditar que sim, mas quem cria um centro agora precisa pensar de forma muito diferente de 10 ou 20 anos atrás. A realidade mudou completamente, e precisamos estar o tempo todo pensando no impacto da IA no nosso trabalho. O futuro dos laboratórios depende de integrar essas tecnologias de maneira crítica e ética, sem abandonar a luta pela relevância da escrita. E aí a perspectiva vygotskiana se torna ainda mais relevante no atual momento.

¹ A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) é uma agência federal vinculada ao Ministério da Educação responsável pela avaliação, financiamento e regulação da pós-graduação no Brasil. Em instituições como a Universidade de São Paulo (USP), a CAPES exerce influência na formulação de políticas acadêmicas, estabelecendo critérios rigorosos para programas de mestrado e doutorado. Entre suas exigências estão metas de produtividade acadêmica, publicação em periódicos internacionais (frequentemente em inglês) e participação em redes de pesquisa. A CAPES também é responsável por atribuir conceitos de 1 a 7 aos programas de pós-graduação, em sua avaliação quadrienal, o que impacta diretamente seu financiamento e reputação institucional. A atuação deste órgão impacta diretamente os docentes e discentes, intensificando a escrita para publicação como indicador de sucesso acadêmico, com consequências materiais associadas, como a concessão de bolsas, financiamento de projetos, e recursos para grupos de pesquisa e aquisição de equipamentos.

T: Este ano, celebramos os 10 anos da Rede Latino-Americana de Centros e Programas de Escrita (RLCPE). Com base na sua experiência como pesquisadora e administradora de um centro de escrita no Brasil, que lições ou estratégias você acredita que podem ser relevantes para nossas diversas audiências, na América Latina e globalmente?

M: Uma das lições mais importantes que aprendi ao longo desses anos é que muitos dos desafios que enfrentamos em centros e laboratórios de escrita são bastante similares, independentemente do contexto. Participar de listas internacionais, como a [Wcenter](#), me ajudou muito, especialmente em dois momentos críticos: a pandemia de COVID-19, em 2020, e agora, com o avanço da inteligência artificial.

No Brasil, um grande desafio é a formação de tutores. É um ciclo constante: você forma, eles vão embora, e você começa tudo de novo. Temos que aprender com centros que já institucionalizaram isso através de disciplinas creditadas para formação, o que torna o processo mais sustentável.

Sobre a América Latina, tenho a impressão de que muitos centros em outros países estão mais desenvolvidos do que no Brasil, mas também vejo um interesse crescente em colaborar. No futuro, acredito que o fortalecimento de redes como a RLCPE e levantamentos como Molina-Natera e López-Gil (2020) são essenciais para trocarmos experiências e construirmos soluções coletivas. No LLAC, continuamos priorizando o contato direto com os escritores, mas sabemos que o formato online é um caminho sem volta, e precisamos explorar mais formatos síncronos e assíncronos para ampliar o nosso alcance.

Referências

- Aranha, S., & Oliveira, L. C. de. (2019). Second language writing teacher education in Brazil. In L. Seloni & S. H. Lee (Eds.), *Second language writing instruction in global contexts: English language teacher preparation and development* (pp. 273–287). Multilingual Matters.
- DOI: 10.21832/9781788925877-017
- Askehave, I., & Swales, J. M. (2001). Genre identification and communicative purpose: A problem and a possible solution. *Applied linguistics*, 22(2), 195-212.
- Cons, T. R. (2020). *Narrativas sobre a escrita: Um estudo de caso múltiplo sobre as Assessorias do Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica (CAPA)*—UFPR [Unpublished Master's thesis, Universidade Federal do Paraná].
- Cristovão, V. L. L., Vignoli, J. S., Ferrarini-Bigareli, M. A., & Retorta, M. S. (2020). Integrated Laboratory of Scientific-Academic Literacies-LILA: Facing challenges in language education. *Letras*, 26, 379–400.
- DOI: 10.5902/2176148553338
- Ferreira, M. M. (2012). Contribuições da teoria sócio-histórico-cultural e da atividade para o ensino-aprendizagem da língua estrangeira. In F. C. Liberali, E. Mateus, & M. C. Damianovic (Orgs.), *A teoria da atividade sócio-histórico-cultural e a escola: Recriando realidades sociais* (pp. 61–108). Pontes.
- Ferreira, M. M. (2015). *A promoção do letramento acadêmico em inglês por meio do ensino desenvolvimental: Contribuições da teoria histórico-cultural* [Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo]. Repositório da Produção USP. <https://repositorio.usp.br/item/002753070>
- Ferreira, M. M., & Lousada, E. G. (2016). Ações do laboratório de letramento acadêmico da Universidade de São Paulo: Promovendo a escrita acadêmica na graduação e na pós-graduação. *Ilha do Desterro*, 69, 125–140. DOI: 10.5007/2175-8026.2016v69n3p125
- Ferreira, M. M., & Stella, V. R. (Orgs.). (2018). *Redação acadêmica: Múltiplos olhares para o ensino da escrita acadêmica em português e línguas estrangeiras*. Humanitas.
- Ferreira, M. M. (2021). Using developmental teaching to promote critical EAP in an academic writing course in English. In C. MacDiarmid & J. J. MacDonald (Eds.), *Pedagogies in English for academic purposes* (pp. 112–122). Bloomsbury.
- Ferreira, M. M., & Okuinghttons, M. F. M. (2024). Literacidad y desarrollo conceptual en la enseñanza de la escritura. In E. Negueruela-Azarola, P. N. García, & A. Escandón (Eds.), *Teoría sociocultural y español LE/L2* (Vol. 1, pp. 172–186). Routledge.

- Freire, P. (2007). *Pedagogy of the oppressed* (M. B. Ramos, Trans.; New rev. 20th-Anniversary ed.). Continuum. (Original work published 1970).
- Martinez, R. (2024). The idea of a writing center in Brazil: A different beat. *The Writing Center Journal*, 41(3), Article 9. DOI: 10.7771/2832-9414.2032
- Molina-Natera, V., & López-Gil, K. S. (2020). Estado de la cuestión de los centros y programas de escritura en Latinoamérica. *Revista Colombiana de Educación*, 78, 97-120. DOI: 10.17227/rce.num78-8066
- Street, B. V. (1984). *Literacy in theory and practice*. Cambridge University Press.
- Swales, J. M. (1990). *Genre analysis*. Cambridge University Press.